

BOOK REVIEW

HEIDEGGER, M. 2012. *Ser e tempo*. Campinas/Petrópolis, Editora da Unicamp/Vozes, 1200 p.

No final do ano de 2012, editou-se uma nova tradução de *Ser e tempo* para o português. Esta obra de Martin Heidegger é um marco na investigação fenomenológica por apresentar uma fenomenologia que não toma por pressuposto uma consciência sintetizadora de vivências e por não se perfazer mediante um procedimento metódico-fenomenológico (como, nos dois casos, ainda propunha Edmund Husserl). Com acento ontológico-existencial e depurando o método em atitude fenomenológica, o livro de Heidegger contribui para inaugurar novos caminhos ao pensamento contemporâneo. A obra, entretanto, é considerada por alguns uma excrescência linguística, dada a especificidade técnica de seu vocabulário e as formulações num “idioma” filosófico *sui generis*. Isso faz com que *Ser e tempo* exija dedicação e atenção de seus leitores e ofereça um sem-número de dificuldades próprias da língua e da filosofia aos que se candidatam a traduzi-lo.

No Brasil, uma primeira tradução de *Ser e tempo* foi editada entre os anos de 1985-1986; entretanto, essa versão para o português, mesmo passando por revisões ao longo de suas inúmeras edições, ainda padece de problemas que dificultam sua leitura,¹ o que faz com que esse empreendimento incipiente fique aquém das expectativas do público estudioso.

Uma segunda tradução de *Ser e tempo*, elaborada de maneira descontínua pelo professor Fausto Castilho desde 1949, foi também concluída na década de 80, quando ganhou a revisão que lhe conferiu homogeneidade terminológica e coerência em seu arranjo geral. Esta nova transposição para o português repara, em boa medida, alguns dos fatores que geravam insatisfatoriedade na anterior. É o que se faz patente, mesmo em uma primeira aproximação ao texto, quando nele encontramos um discurso mais direto, fluido e livre de afetações de estilo que só fazem obstruir a leitura. Estas qualidades, apenas possíveis graças a uma maior literalidade do texto e a um adicional cuidado com a sintaxe das línguas alemã e portuguesa, são traços de consistência que deixam transparecer a qualificação filosófica e linguística desse experimentado tradutor de obras clássicas.

Um exame comparativo do texto português com o original alemão nos permite identificar certa tendência da nova versão em privilegiar termos cuja etimologia oriunda do latim é presente. Fica nítida, assim, a opção do tradutor em utilizar o vocabulário português de matriz latina, na certa acreditando que, ao lançar mão deste expediente, se colocaria em contato com a significação mais primordial das palavras.

¹ Isso pode ser comprovado com uma leitura dos §§ 15-18, tópicos sensivelmente comprometidos na antiga tradução.

Reconhecemos que a utilização dessa “metodologia” de tradução pode propiciar soluções plausíveis e, mesmo, elegantes; é o que se vê, por exemplo, na transposição do vocábulo alemão *Umwelt*. A tradução brasileira anterior reservava para este a expressão “mundo-circundante” (como mais tarde também se veria na tradução norte-americana de Stambauth, com *Surrounding World*) (Heidegger, 1996). A atual, por sua vez, utiliza “mundo-ambiente”, escolha que, seguindo as francesas que optam por *monde ambient* (Heidegger, 1964, 1986) e a italiana, com *mondo-ambiente* (Heidegger, 1953), preserva, benfazejamente, a noção de âmbito ou ambiência, presentes na compreensão coloquial do termo “meio ambiente”. A atual versão brasileira, entretanto, optou prudentemente por não utilizar esta expressão (meio ambiente), talvez evitando associações equivocadas com o discurso de preservação ambiental hoje amplamente difundido (opção que a clássica tradução para língua inglesa de Macquarrie e Robinson não se opôs a fazer ao usar *environment*) (Heidegger, 1962).

Outra solução acertada é a transposição de *Schuld* por “culpa” (em vez de “débito”, como se tem na primeira tradução). Ao utilizar o termo, no contexto da conquista da existência autêntica do ser-aí, Castilho não apenas retoma a literalidade da palavra, quanto reaviva os laços que esta possui com a tradição teológico-cristã em meio a qual – lembremos – Heidegger se formou. Do mesmo modo, por meio do vocábulo “culpa”, é possível se identificar mais claramente os influxos que as ideias de Kierkegaard teriam sobre a filosofia heideggeriana na época da redação de *Ser e tempo*.

Sem que se tenha qualquer tipo de má vontade com a nova colação – mas agindo com a isenção que manda o *amicus Plato sed magis amica veritas*² – será necessário reconhecer que o recurso ao latim não é algo que possa ser feito indistintamente. Uma leitura mais atenta da nova versão nos mostrará que o referido procedimento, por vezes, contrasta com vertentes de tradução que se estabeleceram e se consolidam na forma de cânon desde os anos 70 (data em que se editaram as primeiras obras de Heidegger em português no Brasil). As referidas vertentes orientam a criação da massa crítica em torno da filosofia heideggeriana. Deste modo, indicamos que a terminologia diferenciada estabelecida na mais nova versão (esta centrada em opções muito próprias) acaba, em alguns casos, nos colocando diante de implicações hermenêuticas pouco desejáveis. A presente resenha crítica da tradução de Fausto Castilho examina, a partir daqui, na impossibilidade de ser cabal, apenas algumas dessas escolhas e seus desdobramentos questionáveis.

Começamos pela expressão *Dasein*, noção em torno da qual se elabora a analítica da existência constante em *Ser e tempo*, justamente por essa nomear a essência do humano. Embora haja, não apenas no Brasil,³ uma tendência a traduzir o termo literalmente para o português pela locução “ser-aí”, *Dasein* parece repelir as traduções que lhe são atribuídas, de sorte que, sobre o vocábulo, ainda não há consenso definitivo entre tradutores e comentadores de Heidegger. Evidência disso se encontra nas tentativas inglesas, que ora usam *There-being* (Richardson, 1967), ora *being-there* (Dreyfus, 1995); também a sua versão francesa (Heidegger, 1964) por *être-là* é discutível, a ponto de o próprio Heidegger ter objetado sobre o uso do *-là*, que indicaria um distanciamento locativo que alteraria a ideia do “aí” constante no prefixo germânico *Da-*. Isso porque, para o filósofo: “O ‘aí’ (*Da*) em *Ser e tempo*

² “Sou amigo de Platão, mas sou mais amigo da verdade”, ditado atribuído a Aristóteles.

³ É o que se vê em traduções portuguesas (Heidegger, 2002) e nas traduções de *Sein und Zeit* para as demais línguas latinas, como a de Gaos, *ser ahí*, para o espanhol (Heidegger, 1951), e a de *Chiodi*, Esserci, em italiano (Heidegger, 1953).

não significa uma definição de lugar para um ente, mas indica a abertura na qual o ente pode estar presente para o homem, inclusive para si mesmo" (Heidegger, 2009, p. 159).

Na primeira edição brasileira, a tradução dada à palavra *Dasein* precisaria transigir com a artificialidade de certa interpretação. Ao verter *Dasein* por "presença" (conforme justifica a tradutora), o vocábulo latino *praesentia* seria tomado por parâmetro, supostamente tendo no prefixo *prae* ("pré-") a dinâmica existencial daquele ente que se antecipa a si mesmo, e, no radical *-sentia* ("-sença"), a forma derivada do verbo latino *essere* correspondente ao alemão *sein* ("ser"), que indicaria a dimensão ontológica do *Dasein*. Ao nos colocarmos diante deste argumento, ponderamos o quanto tal opção não se distanciaria da intenção primordial de Heidegger ao se servir do termo *Dasein*. Afinal, se acatarmos tal justificativa, restaria indagar sobre os motivos que teriam levado o filósofo a não utilizar, neste contexto, o vocábulo *Präsenz*, disponível em sua língua.

Ademais, "presença" se distancia sobremaneira da etimologia da palavra alemã *Dasein*, afinal, onde aqui se identifica o advérbio de lugar *Da*, ali se tem um prefixo "pré-" que não se presta a determinar o "aí" enquanto abertura do ser-aí para seu mundo-fático, horizonte originário no qual se constituem as possibilidades de ser do referido ente.⁴ Não apenas distante da etimologia original, o termo "presença" se põe em desacordo com o significado que Heidegger tem primordialmente em vista quando usa a expressão *Dasein*, uma vez que aponta, exatamente, para a experiência oposta a do ente que existe. Isso porque, para a analítica da existência, um ente presente seria aquele dado de antemão (*Vorhandenheit*), seria um ente cujo modo de ser não dependeria da dinâmica do existir, mas que se apresentaria sob o modo de ser da constância (*ständige Anwesenheit*), determinação vigente e indispensável à tentativa metafísica de tornar os entes pensáveis. Uma tal "metafísica da presença" é, exatamente, o que Heidegger confronta na ontologia fundamental de *Ser e tempo*.

É provável que tenha sido por essas dificuldades, e em nome da maior fidedignidade possível aos intuítos heideggerianos, que Castilho escolheu conservar o referido vocábulo em alemão, a exemplo das traduções para o inglês, da francesa e da espanhola (Heidegger, 1964, 1996, 1997). Devemos reconhecer que, assim procedendo, são evitados os muitos inconvenientes que a transposição da palavra suscita; por outro lado, perdemos, com isso, boa oportunidade de pensar tão importante termo filosófico em nossa língua. É preciso que se diga, todavia, que, sob o ponto de vista do conceito, manter *Dasein* no original não é atitude menos interpretativa do que a primeira. Neste caso, teríamos uma leitura que sugere que *Dasein*, em si mesmo, teria pouco a dizer, e que, por este motivo, poderia ficar sem ser traduzido, esperando que seu significado fosse depreendido a partir dos contextos nos quais o termo comparece. O estranhamento que este posicionamento provoca se reforça quando lembramos que, contando com uma louvável edição bilíngue, nos seria permitido conferir no original, a qualquer tempo, qualquer tradução portuguesa dada a *Dasein*.

Adiante, guardando as ordens de aparição e relevância dos conceitos, poderíamos ressaltar casos em que certas opções (feitas a partir do referido recurso ao latim) induzem em problemas conceituais. É o que vemos na transposição da palavra *Verstehen* por "entendimento". Nesta, se identifica, primeiramente, uma aproximação ao vocábulo latino *intelligere*; em segundo lugar, a tentativa de apoiar tal opção nas versões de *Ser e tempo* para a língua inglesa, que se servem

⁴ Como se viu na citação de Heidegger imediatamente acima.

do termo *understanding* (= entendimento). No inglês, *understanding* talvez fosse o único vocábulo para traduzir *Verstehen* (= compreensão),⁵ solução que, diga-se de passagem, se aproximaria bastante semântica e etimologicamente do alemão, e que até serviria para traduzi-lo plenamente não fossem as atávicas ligações que a palavra inglesa possui com uma tradição anglo-saxã de pensamento fortemente influenciada pelo empirismo.

Traduzir *Verstehen* por “entendimento”, sem qualquer sobreaviso, talvez pudesse dar ao leitor a falsa impressão de que a fenomenologia de Heidegger teria por propósito um diálogo com a filosofia de Locke ou com a de Hume; entretanto, se isso soa apenas como uma conjectura, é certo dizer que tal opção turva o conceito de *compreensão*, crucial para a tradição hermenêutica que – de Schleiermacher a Dilthey – fala alto na fenomenologia heideggeriana, marcando indelevelmente projetos filosóficos vivos naquela obra.

Outro ponto que nos oferece matéria para pensar é a tradução da tríade de conceitos referentes aos comportamentos do ser-aí, *Sorge*, *Besorge* e *Fürsorge*, traduzida por “preocupação”, “ocupação” e “preocupação com o outro” (diferentemente da primeira versão brasileira na qual constava, respectivamente: “cura”, “ocupação” e “preocupação”). Fica nítido que o novo tradutor procurou optar por termos que possuísem um mesmo radical, remontando ao escopo heideggeriano de evidenciar que as duas últimas expressões (e as experiências por elas expressadas) seriam derivadas da primeira.

Em alemão coloquial, *Sorge* (palavra da qual se originam as outras) significa preocupação. Talvez por este motivo a tradução em apreço tenha optado por este termo. No entanto, o uso cotidiano desta expressa ansiedades ou inquietações pelas quais, às vezes, se passa na vida. Ora, não é neste sentido habitual que o filósofo compreende *Sorge*; é isso que encontramos em *Ser e tempo*: “A expressão nada tem a ver com ‘sofrimento’, ‘aborrecimento’, nem ‘preocupação com a vida’, que podem ser onticamente encontradas em todo ser-aí” (Heidegger, 2012, p. 181). Neste caso, se não desejarmos incorrer no preciosismo da palavra “cura”, mais apropriado seria o uso do termo “cuidado”,⁶ mesmo que tal solução implique o obscurecimento daquele radical. Isto nos parece mais justificado do que alterar o cânon que, até então, reservava a palavra *Fürsorge* para designar uma preocupação com os demais seres-aí, ou, como indicaria o prefixo *Für-*: “ocupação para com o outro”.

Já seria possível entrever os impactos e eventuais confusões que a substituição dos termos (“cuidado” por “preocupação”, e “preocupação” por “preocupação com o outro”) acarretaria sobre as pesquisas em andamento e sobre a literatura especializada que usa “cuidado” para referir-se a este modo de ser do ser-aí. O mesmo ocorre com as traduções de *existentiell* e *Faktizität* (“existencial” e “facticidade”, referentes ao ontológico do ser-aí) por “existenciário” e “factualidade”, que apontam à direção oposta (traços ônticos do mesmo ente). Tais alterações fariam, mesmo, com que os nomes de dois dos projetos filosóficos integrantes de *Ser e tempo* sejam indevidamente alterados para “analítica existenciária” e “hermenêutica da factualidade” (*sic*).

Ainda seria possível questionar, por fim, se “resolução”, palavra usada no contexto do comportamento singular do ser-aí, seria adequada para traduzir *Entschlossenheit* (usualmente vertido por “decisão”). Embora recorrido por alguns intérpretes de línguas

⁵ Uma vez que *comprehension* traduz uma ideia de um “abarcamento” que apenas forçosamente estaria associada àquele contexto específico. Contudo, alguns poucos intérpretes ainda insistem na utilização deste termo (Richardson, 1967).

⁶ Amplamente utilizado por tradutores e comentaristas de Heidegger. É o que se vê com a tradução inglesa, ora como *care* (Heidegger, 1962, 1996), ora como *concern* (Richardson, 1967), e no francês como *souci* (Heidegger, 1964, 1986), na espanhola (Heidegger, 1997).

latinas (Heidegger, 1951, 1964, 1986, 1997), a *resolutio* no conceito de “resolução” suscita a errônea ideia de um ato de vontade, de um arbítrio que seria propriedade de um sujeito, o que muito se distancia da maneira com a qual Heidegger trata do conceito de decisão e do ente capaz de atender ao chamado do ser, rearticulando-se a um conjunto de sentidos e significados próprios à existência autêntica.

Ao longo de toda a nova tradução de *Ser e tempo*, encontraremos alterações terminológicas. Diante da impossibilidade de considerar cada escolha feita, asseguramos que, em muitos casos, temos o ganho de clareza trazido pelo recurso à etimologia dos termos; outros há em que as mudanças não chegam a fazer diferença substancial frente às versões anteriores; é o que se pode avaliar a partir do rol de comparações que se segue. Na atual edição, o termo *Weltlichkeit* é traduzido, como no francês, por “mundidade” (onde na primeira edição brasileira tínhamos “mundanidade”); *Verweisung* é vertida por “remissão” (na antiga tradução se lia “referência”); *Bewandtnis* é traduzida por “conjuntação” (onde antes se lia “conjuntura”); *Bedeutsamkeit* é “significatividade” (antes se tinha “significância”), e *innerweltlich begehrende Seiende* seria “entes do-interior-do-mundo” (em vez de “entes intramundanos”)... Diante dessas opções, houve quem apontasse o comprometimento estético que algumas das palavras sofreram na conversão para o português. Seria justo, neste caso, lembrar que a própria terminologia de *Ser e tempo*, diante da necessidade de descrever fenomenalmente seus “objetos”, seria responsável, mesmo no alemão, por certos exotismos. Nessas horas, aquilo que Heidegger disse sob as dificuldades de expressão da fenomenologia vem em defesa de seus tradutores:

No que se refere à rudeza e à “falta de beleza” na expressão das análises que se seguem, convém notar que uma coisa é contar algo sobre *ente* numa narração, outra é apreendê-lo em seu ser. Para levar a cabo tarefa referida por último, faltam, no mais das vezes, não só as palavras, mas, sobretudo, a “gramática” (Heidegger, 2012, p. 131).

Convictos da não existência de uma tradução perfeita, e levando em conta as dificuldades específicas da matéria, será necessário dizer que, se considerarmos a legibilidade o critério de qualidade para toda tradução, este empreendimento em torno à nova tradução de *Ser e tempo* foi bem-sucedido. Isso porque, como já foi mencionado acima, por meio de uma linguagem mais objetiva, fluente e sóbria, lucrou-se uma melhor compreensibilidade, e não apenas isso; mesmo possuindo incontornáveis arestas, o texto estabelecido parece se aproximar, mais fidedignamente, ao sentido presente no original, conseguindo reproduzir tonalidades mais próximas à experiência do pensamento de Heidegger.

A nova colação brasileira de *Ser e tempo* constitui, por fim, alternativa à preexistente e, ao trazer o texto alemão-português, torna-se também a primeira edição bilíngue que se conhece no Ocidente (assim notifica Fausto Castilho em seu prefácio). Mais do que apenas um luxo, este seria um recurso certamente útil à pesquisa, benefício que devemos à iniciativa das Editoras Unicamp (*Coleção Multilíngues de Filosofia*) e Vozes (que possui os direitos de *Ser e tempo* para o português).

Referências

- DREYFUS, H. L. 1995. *Being-in-the-world – A commentary on Heidegger’s “Being and time”*. Cambridge, The MIT Press, 370 p.
- HEIDEGGER, M. 1996. *Being and Time*. New York, State University of New York Press, 487 p.
- HEIDEGGER, M. 1962. *Being and Time*. Harper San Francisco, San Francisco, 589 p.
- HEIDEGGER, M. 2002. *Caminhos da floresta*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 455 p.

- HEIDEGGER, M. 1951. *El ser y el tiempo*. Fondo de Cultura Económica, México, 480 p.
- HEIDEGGER, M. 1953. *Essere e tempo*. Fratelli Bocca, Roma, 455 p.
- HEIDEGGER, M. 1986. *Être et temps*. Gallimard, Paris, 596 p.
- HEIDEGGER, M. 1964. *L'Être et le temps*. Gallimard, Paris, 328 p.
- HEIDEGGER, M. 2009. *Seminários de Zollikon – Protocolos, diálogos, cartas*. Petrópolis, Vozes, 370 p.
- HEIDEGGER, M. 2012. *Ser e tempo*. Campinas/Petrópolis, Editora da Unicamp/Vozes, 1200 p.
- HEIDEGGER, M. 1997. *Ser y tiempo*. Santiago de Chile, Editorial Universitária, 498 p.
- RICHARDSON, W.J. 1967. *Heidegger – Through phenomenology to thought*. The Hague, Martinus Nijhoff, 765 p.

Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Rua da Faculdade, 2550
85903-000, Toledo, PR, Brasil
E-mail: kahlmeyermertens@gmail.com